



CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI N.º 3.260, DE 2023
(Do Sr. Prof. Paulo Fernando)

Declara Luís da Câmara Cascudo como Patrono do Folclore Nacional.

DESPACHO:
ÀS COMISSÕES DE
CULTURA E
CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA (ART. 54 RICD)

APRECIÇÃO:
Proposição Sujeita à Apreciação Conclusiva pelas Comissões - Art. 24 II

PUBLICAÇÃO INICIAL
Art. 137, caput - RICD

PROJETO DE LEI Nº , DE 2023

(Do Sr. PROF. PAULO FERNANDO)

Declara Luís da Câmara Cascudo
como Patrono do Folclore Nacional.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica declarado Patrono do Folclore Nacional Luís da
Câmara Cascudo.

Art.2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA

A Lei nº 12.458, de 26 de julho de 2011, estabelece critérios mínimos para a outorga do título de patrono ou patrona. De acordo com o inciso III do seu artigo inaugural, o título de patrono ou patrona, outorgado por lei, destina-se à pessoa escolhida como figura tutelar de ramo do conhecimento, das artes, das letras ou da ciência.

Além disso, nos termos do parágrafo único do art. 1º do citado diploma legal, o patrono ou a patrona de determinada categoria será escolhido entre brasileiros mortos há pelo menos dez anos que tenham demonstrado especial dedicação ou se distinguido por excepcional contribuição ao segmento para o qual sua atuação servirá de paradigma.

Luís da Câmara Cascudo, intelectual norte-rio-grandense, é reconhecido como um dos maiores - senão o maior - folcloristas brasileiros.

Já na década de 20 do século passado, despontou para o tema com o artigo “O Aboiador”, que trata do mundo arcaico que resistia nas fazendas de gado do sertão¹. A partir daí, foi construindo uma obra extensa e fundamental para o estudo do folclore brasileiro.

1 Marcos Faerman. CÂMARA CASCUDO. Revista Problemas Brasileiros.



Uma de suas expressões máximas encontra-se no **Dicionário do Folclore Brasileiro**, publicado em 1954, após dez anos de pesquisa.

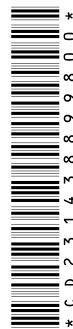
O folclorista potiguar procurou combinar o nacional/universal e o popular/erudito². Ao realizar um exaustivo trabalho de documentação de microrrealidades, deixou um saboroso panorama da cultura popular. Como afirma a Prof^a Tania Regina de Luca:

Câmara Cascudo é verbete obrigatório de enciclopédias e dicionários biobibliográficos que, em uníssono, ressaltam a sua erudição, as qualidades de pesquisador arguto e rigoroso, a prosa agradável e a vastidão da obra, que extravasa as taxonomias e estende-se pela etnografia, folclore, sociologia, linguística história, crítica e produção literária. Tais predicados parecem suficientes para assegurar-lhe lugar de destaque entre os estudiosos que procuraram compreender o Brasil (Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 33, janeiro-junho de 2004, p. 167-170).

Luís da Câmara Cascudo nascido em 1898 e falecido em 1986, foi folclorista, professor, historiador e jornalista. Inicia a carreira jornalística em 1918, assinando a coluna *Bric-à-Brac* do jornal *A Imprensa*, administrado por seu pai. Forma-se na Faculdade de Direito do Recife em 1928, e trabalha como professor de história do Colégio Atheneu Northeriograndense.

Em 1934, torna-se sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e escreve numerosos artigos para as revistas publicadas pelo instituto. Funda a **Sociedade Brasileira de Folclore** em 1941. Dois anos depois, a convite do poeta [Augusto Meyer \(1902-1970\)](#), diretor do Instituto Nacional do Livro (INL), começa a redigir o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, importante obra de referência, lançada em 1954. Nas décadas de 1950 e 1960, é responsável pela organização de diversas coletâneas de textos históricos, etnográficos e sobre os mitos folclóricos nacionais. Assume o cargo de professor catedrático de direito internacional público da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em 1961. Em viagem pela África, em 1963, visita Angola, Guiné, Congo, São Tomé, Cabo Verde e Guiné-Bissau, onde coleta informações utilizadas nos livros *A Cozinha Africana no Brasil* (1964) e *História da Alimentação no Brasil*, publicado em dois volumes em 1967 e 1968.

2 Márcio José Ribeiro da Silva Filho “Quem conta um conto aumenta um ponto”: Câmara Cascudo e sua atuação em Contos Tradicionais do Brasil.



Monarquista nas duas primeiras décadas do século XX, Cascudo, como forma de combate à crescente influência marxista no Brasil, adere nos anos 1930 ao movimento integralista brasileiro.

É impressionante o conjunto de livros e plaquetes de Câmara Cascudo, ultrapassando um número superior a 170 títulos, descontados os inéditos e as traduções e compreendendo os campos da história, da etnografia, da antropologia, da literatura, da crítica literária, da cultura popular, da religião, da geografia e, principalmente, do folclore. Dentre os títulos mais celebrados, vale destacar *Vaqueiros e Cantadores* (1939), *Cinco Livros do Povo* (1953), *Geografia dos Mitos Brasileiros* (1947) e o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, entre muitos outros que justificam o reconhecimento até mesmo internacional do folclorista e estudioso da cultura popular.

Vaqueiros e Cantadores estuda os principais motivos da poesia tradicional sertaneja ligados ao ciclo do gado, centrado nas figuras do vaqueiro, do boi e de outros animais do sertão e no cotidiano da vida na fazenda; e ao chamado ciclo social, que se ocupa dos valores e costumes, da religiosidade popular, da condição feminina e da negra na sociedade nordestina, celebrando figuras como Padre Cícero e os cangaceiros, entre outros. Cascudo situa historicamente essa produção poética sertaneja em continuidade com a tradição europeia, principalmente medieval, mas também mais antiga. A dinâmica da oralidade faz transpor diferentes versões de cantigas, romances e gestas, entre outras manifestações, adaptando-as às contingências da realidade e da tradição sertaneja. Cascudo recorre neste livro à explicação feudalizante do passado colonial brasileiro como extensão ou reprodução do medievo europeu, que vigora por um longo período no pensamento social brasileiro.

Em *Geografia dos Mitos Brasileiros*, Cascudo examina os mitos primitivos indígenas (Jurupari, Curupira, Anhangá, Mboi-tatá, Ipupiaras, entre outros) e europeus, “diversificados pelo elemento colonial brasileiro” (Lobisomem, Mula-sem-Cabeça, Mãe-d’Água, entre outros), em função de fluxos migratórios, áreas próximas de fronteira, concentração de africanos escravizados em dadas regiões e preponderância de contingentes indígenas autônomos ou miscigenados - fatores esses que condicionam a singularidade da dispersão dos mitos por todo o território nacional.

Publicado quando já se torna folclorista e etnógrafo reconhecido internacionalmente, *Tradição, Ciência do Povo* é um livro de maturidade (no sentido etário e intelectual) que explora, em seus oito ensaios, conceitos-chave de seu ofício e metodologia de trabalho - como o próprio



conceito de *tradição* do título e a centralidade da noção de *convivência*, entendida “pelo cumprimento do que entende serem as três fases do trabalho folclórico e etnográfico, ‘colheita, confronto e pesquisa de origem’, ou seja, a escuta atenta dos informantes, o registro rigoroso das diferentes versões e a busca das origens entendidas como linhagem e constância cultural”³.

A pesquisa de Câmara Cascudo é o testemunho da existência de uma tradição oral popular viva.

Assim, conto com o apoio dos nobres Pares para reconhecer essa importante figura da cultura brasileira como Patrono do Folclore Nacional.

Sala das Sessões, em de de 2023.

Deputado PROF. PAULO FERNANDO

³ Doralice Alcoforado. Cascudo: o erudito no popular. Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL.



FIM DO DOCUMENTO